

QUE ENTÃO SEREMOS?
PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA IGREJA DO NAZARENO
Por Floyd T. Cunningham, Ph.D.
Seminário Teológico Nazareno da Ásia-Pacífico

Enquanto a Igreja do Nazareno passa para as próximas décadas do século XXI, fá-lo com os olhos e corações que nos lembram de seu passado, nos fala profeticamente de seu presente, e nos alerta pensamentos de seus possível futuro. Cinco composições: de Harold Raser, Federico Melendez, Paul Martin, Dick Eugenio e Rustin Brian providenciaram belos pontos de vista sobre a forma de como chegamos onde estamos, onde estamos do momento, e o que nos tornaremos. As composições não foram escritas para nos dar conforto. Elas nos pedem para avançar em direção a grandes propósitos que Deus tem para a Igreja do Nazareno. Vários dos temas desses artigos são muito iguais com os apresentados em conferências de teologia anteriores. Particularmente tratam de problemas de mensagem de compaixão holística, de preferência para os marginalizados, e uma preocupação com o meio ambiente.

Santidade Passado: Qual Foi?

Cada uma destas composições lidam em alguma altura com a história Nazarena. A composição do Harold Raser centra-se no contexto americano em que a Igreja do Nazareno começou. Ensinamentos de Wesley da perfeição cristã foram contextualizados por seus intérpretes americanos. Embora Raser, professor no Seminário Teológico Nazareno, assume que "os esforços para ancorar a identidade Nazarena na ampla tradição histórica cristã, são mais adequadas do que aquelas que se concentram principalmente na do século 19" santidade americana e raízes Wesleyanas", sua concentração está mais do lado Americano. Ou seja, como Raser notou, embora ligada à Igreja universal, o passado e o presente, somos uma igreja distinta, provenientes de um contexto particular com uma finalidade específica. A herança "revivalista" da igreja acentuada á muitos valores americanos, levando a uma ênfase no imediatismo na experiência da inteira santificação. Por onde os primeiros missionários nazarenos sempre andaram usaram esses valores americanos, modelos e técnicas.

Em contraste com a Raser, que centra-se mais para a santidade do ponto de vista da história intelectual, Melendez descreve a mensagem de santidade em relação aos contextos sociais e econômicos em que surgiram. Timothy Smith, a quem Melendez cita, ligada ao movimento de santidade a preocupações protestantes para as questões sociais num momento em que o crescimento rápido da riqueza determinadas políticas governamentais. A "grande inversão" de preocupação evangélica pelos pobres começou dentro da década do nascimento da Igreja do Nazareno. Melendez não está dizer tudo isso, mas a Igreja do Nazareno escolheu estabelecer colégios para os seus próprios filhos, e para enviar dezenas de missionários ao exterior. Quando a Grande Depressão ameaçou ambas as causas, Nazareno deu sacrificialmente às causas da educação e missões, mas à custa de alcançar suas cidades e sua população pobre urbana.. Melendez alude à negligência dos afro-americanos por nazarenos, e encontra semelhanças paralelas a negligência dos pobres na América Latina (p. 7).

Atenção ao crescimento da Igreja do Nazareno em África e em outros lugares está relacionado a situações política. Rustin Brian, Paul Martin, e Dick Eugenio cada um fala dos efeitos dos contextos coloniais e pós-coloniais em que a Igreja do Nazareno trabalhou. Assim como seus colegas católicos Romanos que Brian menciona, Nazarenos pareciam alheio aos projectos coloniais. Martin, um missionário na África Ocidental, vê alguns paralelos entre o crescimento da igreja em Africa e suas raízes norte-americanas no século 19 e início do século 20, excepto para observar seu próprio "excepcionalismo".

Dick Eugenio, professor no Seminário Teológico Nazareno da Ásia-Pacífico, busca as raízes e os caminhos da internacionalização na Igreja do Nazareno. Embora ele olha para internacionalização da igreja como uma idéia nobre, ele não é de admirar que aqueles que estão fora da América do Norte poderiam vê-lo (como a globalização) como "a hiperextensão de um poder já estabelecido, e não é o achatamento do mundo" (p. 3). Quando dada a chance, a história sugere, aqueles que buscam a liberdade do controle assim o fizeram "para substituir autoridade existente com eles mesmos" (p. 4). Ou seja, Eugenio observa, aqueles que se opuseram centrismo propondo pluralismo muitas vezes o tem feito em suas próprias motivações egoístas. Colonialismo muitas vezes deu lugar a regimes locais severamente opressivas. O mesmo pode ser verdade para a igreja.

Brian observa que missionários Nazarenos desde o início a intenção era promover a liderança indígena, e, como os seus homólogos em administrações coloniais, eram muito lentos em fazer isso. Como Eugenio, Brian olha para a história da "internacionalização" da igreja em vários documentos. Nesta base, Brian observa que o consenso da igreja tem sido a desejar uma igreja global (em vez de igrejas nacionais associadas), para identificar os valores fundamentais, e para permitir a "estrutura não simétrica.

Santidade Presente: O que é?

Raser implica (p. 5) que o meio-americano em que a Igreja nasceu lhe dá um elenco muito cultural. Preferimos "formas democráticas de participação ou de autoridade" e o julgamento das "pessoas comuns" para a de "elites". Nós nos concentramos no presente e no futuro mais do que no passado. Nós preferimos acção "decisiva" e estão impacientes com o "processo, a reflexão, especulação." somos prático ou pragmático. Estamos prontos e ansiosos para "inovar", onde a possibilidade surge se é que vai buscar o crescimento da igreja. A questão é, estes são valores culturais ou do Reino?

Melendez responde de varias maneiras estes não são valores do reino. Melendez pinta paralelismo entre o contexto do século 19 na américa do norte e os processos de modernização do mundo de hoje. Ele adverte que o movimento de santidade não deve recuar de abordar os efeitos econômicos de industrialização, como tendia a américa do norte. A igreja deve criticar filosofias de materialismo e providenciar alternativas cristãs. Melendez tenta mover a igreja em direção a uma " missão holística e éticas sociais apartir duma perspectiva de teologia de amor" (p. 1). ele. descreve a abertura contínua entre ricos e pobres na américa latina, ele adverte a igreja para não "abandonar a sua missão para com os pobres", e tornar-se uma igreja "acomodada a sistema econômica actual "(p. 8). Melendez diz que a igreja não deve,, degradar a imagem de Deus a dignidade de seres humanos e ao meio ambiente e apela a um evangelho compassivo de "salvação holística", o qual vê como parte integrante de uma teologia de amor em seu coração. Ele escreve: compaixão "tem que ser o sangue de toda a denominação". tal coração vai evidenciar-se a uma igreja tão sensível como suas "raízes humildes" que desdenha " Ostentação de edifícios" (pp. 8-9).

Ao contrário de Melendez, eu acredito que a igreja está respondendo de maneiras contínuas dos nossos antepassados do século 19. Muitos têm redescoberto a compaixão para com os pobres. Embora há muito a melhorar, temos muito que nos orgulhar no que diz respeito aos nossos ministérios de compaixão. Fora de nós mesmos, a Igreja do Nazareno é conhecido como uma igreja compassiva.

A igreja ganha novos convertidos em África, principalmente entre aqueles que uma vez envolvido em religiões primitivas, Martin refere. Se, como Raser descreveu, os valores culturais moldaram a igreja americana, o mesmo acontece com a visão de mundo Africano. Por isso, diz Martin, a teologia cristã em África deve relacionar-se com os valores culturais. Teólogos africanos refleta criticamente sobre o evangelho de seu próprio contexto. Ao fazer isso, os africanos naturalmente se ligam ao quadrilátero da Escritura, tradição, razão e experiência. Ao contrário dos valores americanos Raser descreve, africanos priorizam paz, harmonia e santidade. Africanos (e outros) reconhecem os precedentes e continuando estado de relacionamentos estabelecidos pelos antepassados, como Adão, e eles, assim, compreendem a "graça sobre graça", que vem através da retificação de relacionamentos quebrados por meio de Cristo. Para os africanos, Cristo é o Conquistador Poderoso.

Eugenio também acentua a qualidade relacional da Igreja. Por um lado Eugenio celebra a diversidade que a Igreja do Nazareno representa, ao mesmo tempo, por outro lado, ele se pergunta se a "internacionalização" é apenas um pretexto para o Americano ter o controle mais palatável da igreja. Novamente os valores americanos que Raser descreveu entram em exibição na descrição do Eugenio, como unidade para a ordem e a eficiência da denominação substitui a do relacionamento. Eficiência, Eugenio adverte, não deve tornar-se simplesmente o policiamento mais bem sucedido da igreja.

Embora sem Eucaristia analogia de Eugenio, Brian vê o dever da igreja da mesma forma, de criar um "novo povo, e não a divulgação de um império em particular" (p. 3). Brian fala da probabilidade do nosso "pecar contra nossos irmãos e irmãs nas diversas partes do mundo, que antes eram classificadas como" campos de missão estrangeiras" por não" compartilhar o poder um com o outro de uma maneira radicalmente igualitária. "A realidade presente, Brian descreve, ainda é uma igreja norte-americana dominada. Essa ética provisória, se for assim, Precisa dar lugar ao Reino..

Santidade Futuro: O que deve ser?

Qual, então, é o futuro? Cada um dos escritores fornece algumas possibilidades futuras.

Martin vê o futuro da teologia Africana como de sofisticação crescente como diálogo de teólogos indígenas com seu próprio contexto particular. Já não vão repetir respostas dadas pelos teólogos ocidentais para perguntas que ninguém está perguntando em África. Teólogos ocidentais não estão suficientemente sintonizadas com o contexto Africano, Martin sugere, para responder às perguntas que os Africanos perguntam: incluindo a relação do mundo visível e invisível, a relação dos seres humanos e os antepassados, seus espíritos e outros poderes, a conveniência de manipulação a Deus, o discernimento dos sinais, maravilhas, milagres e profetas, e o relacionamento do evangelho a todo o ambiente. Como Melendez em relação à América Latina, Martin vê Wesleyanismo Africano como enfatizando "a toda a criação." Como Melendez ele anseia por uma teologia que compassivamente atende às necessidades dos pobres.

Mas quando as posições de alcance pobres do poder, eles não são menos suscetíveis a suas seduções. A globalização não diminuiu as tensões entre as pessoas. Ele aumenta a "competição para o reconhecimento e domínio", diz Eugenio (p. 5). Na pior das hipóteses, a unidade da Igreja do Nazareno não deve vir à custa do poderoso e influente se tornando mais poderoso e influente e ter sucesso em impor um controle mais rígido (o que levaria as pessoas para fora da igreja). Ao contrário de estados políticos, as igrejas são instituições voluntárias. Eugenio cita a previsão de Philip Jenkins que cismas da Igreja virá ao longo das linhas Norte-Sul. Quais são as salvaguardas contra isso? De-ocidentalização não vai resolver o problema espiritual subjacente. A alternativa de pluralismo, Eugenio observa, só cria "uma superabundância de diversos fanáticos competindo por reconhecimento, poder e autoridade" (p. 5).

Eugenio encontra uma solução para as tensões na igreja em um sentido renovado da presença de Cristo através de uma eclesiologia eucarística. É uma imagem de uma igreja de joelhos lado a lado na mesa. Ninguém tem maior ou menor honra. Não há luta de poder na Mesa. Há encontro, "solidariedade geral" e *koinonia*. Para que haja verdadeira *koinonia*, membros do corpo reconciliam-se antes de receber o pão e o vinho. Receber o pão e o vinho exige auto-exame, confissão e arrependimento - um levantamento de outros em vez de nós mesmos. "Os cristãos devem sentir a

acusação moral em participar em [Eucaristia] sem realmente vivê-la." Se este é o mais alto, e ainda representação mais imediata não só do que a Igreja deve ser, mas do que a santidade é, uma ética do Reino vai surgir. Os líderes internacionais não vão surgir porque eles pediram, mas sim como uma progressão natural de nossa herança e teologia. ”

Soluções de Brian são muito mais específicos. Em certo sentido, o que Brian e os processos de internacionalização vêm como futuro é compromisso com valor Americano e Nazareno: a democracia participativa não com base na posição econômica ou social, mas na associação. Ele procura por ajustamentos na estrutura organizacional. "Chegou a hora", ele escreve, "a abraçar plenamente a nossa unidade original para a liderança indígena através da implementação de mudanças estruturais na nossa política" (p. 3). Com raciocínio semelhante ao de Eugenio, Brian convida a igreja norte-americana que desejosamente privar-se do poder. (Suas palavras, "convidar os da" comunidade internacional "em posições de poder" me parece estranho, uma espécie de nobresa obrigar, e também pode ser tomado como uma opção preferencial para os pobres sobre quais os teólogos da libertação falam .) A pergunta que RF ZANNER pediu, em 1985, citado por Brian, ainda é pertinente: "Será que vamos ser uma igreja internacional ou vamos permanecer uma igreja americana com filiais baseadas em terras estrangeiras " (p. 6). Brian insiste que devemos ser como bons Wesleyans, pró-ativo em ver que a visão para a Igreja do Nazareno, e todo bom trabalho das comissões da Assembleia Geral é implementado.

Especificamente, Brian faz duas propostas alternativas. (1) Expandir o número de Superintendentes Gerais, dois para cada região, nativos ou residentes de longa duração, dessa região e residir na região durante o seu mandato, e necessitam de um dos dois ser do sexo feminino. Brian não propôs como isso seria alcançado. (2) Redução do número de GSs a três, não mais do que um de cada região, e aumentar o número de coordenadores regionais, que seriam a partir das próprias regiões. Para mim, se sacrificar a ética teleológica do único Corpo de Cristo, por amor de uma ética organizacional de divisão, estamos a caminhar para trás, não para frente.

Reflexão

A herança Wesleyana levou-nos em direção a uma superintendência forte. Episcopado tem seus pontos fortes. Tanto John Wesley e Francis Asbury, sendo capaz de ditar benevolmente pregadores locais "e Cavaleiros de circuito 'nomeações facilitaram a rápida expansão do evan-

gelho. O movimento missionário fez da mesma forma. Metodistas usaram seu sistema de nomeações para a elevação das mulheres e minorias para posições de Pastorado e liderança. Quando a nossa igreja começou diversas entidades que se fundem desistiu congregacionalismo radical e autonomia local, mas reservaram o direito básico de escolher seus próprios pastores. Mas a tendência tem sido para as nomeações para outras posições de liderança.

Nós realmente não podemos ser uma igreja de santidade - uma igreja que testemunha a unidade em Cristo - sem ser uma igreja internacional. O Espírito de Cristo cria um Corpo vivo, em que não há " norte sul ou leste e oeste, mas uma grande comunhão de amor." Ainda estamos no processo de tornarmo-nos o que fomos destinados a ser. Não vamos desistir dessa esperança.

Perguntas para reflexão:

1. Ao avaliar um meio teológico para o Reino, é possível descrever a ética do Reino sem bases culturais?
2. Será que a estrutura e a mentalidade da igreja refletem um colonialismo persistente. Se sim, como podemos superar essa perspectiva?
3. Quais são os pontos fortes e fracos de uma superintendência forte (distrito, regional e geral)? Existe alguma razão para hesitar, ou, por outro lado, um meio de implementar, a eleição direta do Campo Estratégico Coordenadores ou Directores Regionais?
4. A esperança de Melendez é que os artigos de teologia não permanecerem "documentos em arquivo", mas como uma igreja (como todas as igrejas), temos encontrado dificuldades para encontrar a ponte entre a reflexão ea acção. Especifique possibilidades futuras para a estrutura da Igreja do Nazareno à luz destas composições.